

21

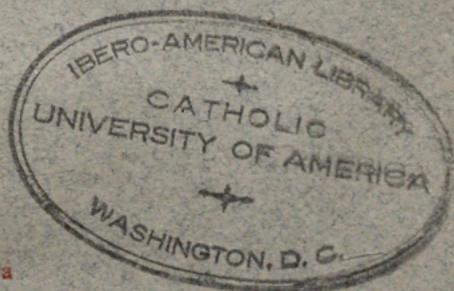
FRANÇA JUNIOR

COMO SE FAZIA UM DEPUTADO

Comedia original de costumes

em 3 actos

Musica de Carlos Cavalier



GAZETINHA. editora

136—Rua do Rosario—136

1882

Direitos de representação e de reim-
pressão reservados pelo auctor.

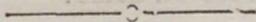


COMO SE FAZIA UM DEPUTADO

COMEDIA EM 3 ACTOS

Representada pela primeira vez no Rio
de Janeiro

no Theatro Recreio Dramatico,
em 14 de Abril de 1832.



PQ
9697
.F.74
L6
1882

COMEDIAS DE FRANÇA JUNIOR

- Amor com amor se paga, 1 acto.
Beijo de Judas (O) 4 actos.
Como se fazia um deputado, 3 actos
Defeito de familia (O), 1 acto.
Direito por linhas tortas, 4 actos.
Em Petropolis, 1 acto.
Entrei para o Jockey-Club, 1 acto.
Ingleses na costa, 1 acto.
Lotação dos bondes (A), 1 acto
Maldita parentella, 1 acto.
Meia hora de cynismo, 1 acto.
Republica modelo, 1 acto.
Tres candidatos, 1 acto.
Trunfo ás avessas, 2 actos.
Typo brasileiro (O), 1 acto.
Typos d'actualidade, 3. actos.



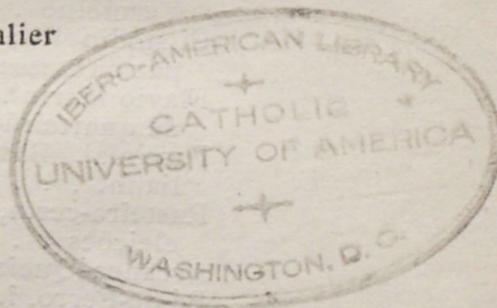
FRANÇA JUNIOR

COMO SE FAZIA UM DEPUTADO

Comedia original de costumes

em 3 actos

Musica de Carlos Cavalier



RIO DE JANEIRO

GAZETINHA, editora-

136—Rua do Rosario—136

1882

Direitos de representação e de reim-
pressão reservados pelo auctor.

PERSONAGENS

Major Limoeiro	Sr Bahia.
Tenente-coronel Xico Bento, do Pau-Grande	Sr Araujo
Henrique, bacharel em direito	Sr Galvão
Domingos, escravo de Limoeiro.	Sr Teixeira
Gregorio, professor publico da freguezia do Barro-Vermelho	Sr Colás
Custodio Rodrigo, juiz de paz da mesma freguezia.	Sr. Florindo
Flavio Marinho, inspector de quarteirão, idem.	Sr Cruz
Paschoal Basilicata, italiano.	Sr Montani
Rasteira-certa, capanga de eleições	Sr Costa
Arranca-Queixo, idem.	Sr Mello
Pé-de-Ferro, idem, idem.	Sr Silva
1.º votante.	Sr Alfredo
2.º votante.	Sr Pereira
D Perpetua, mulher de Xico Bento.	D Clelia
Rosinha sua filha	D Fanny
Escravos e escravas da fazenda do Riacho-Fundo, votantes, capangas, povo, etc., etc.	

A acção passa-se no interior da provincia do Rio de Janeiro.

6385.

COMO SE FAZIA UM DEPUTADO

ACTO PRIMEIRO

O theatro representa o terreiro da fazenda do Riacho-Fundo. A' esquerda, vê-se a varanda da casa com janellas e portas, que dão para a scena; á direita, arvores; ao fundo, morros com plantações de café.

SCENA PRIMEIRA

MAJOR LIMOEIRO E DOMINGOS

Ao subir o panno, estão em scena escravos e escravas da fazenda, com fouce e enxadas.

CÔRO.

Oh ! que dia de pagode
Na fazenda de sinhô !
Sinhosinho chega hoje
Com a carta de doutô!

Nas senzalas satisfeitos,
Aguardente beberemos,
E, á noite, no terreiro
O batuque dançaremos.

DOMINGOS.

Com crioulas e mulatas,
 No feroz sapateado,
 Hei de em casa de meu branco,
 Trazer tudo n'um cortado.

Ninguem bula c'o Domingos,
 Que não é de brincadeira ;
 Quando sólta uma umbigada,
 Quando puxa uma fieira.

CÔRO.

Oh ! que dia de pagode, etc., etc.
 (*Danças todos.*)

LIMOEIRO, *que durante a scena esfrega as mãos satisfeito, na varanda.* — Esquentá, rapasiada! Vá e pagode arriba! Não quero ninguem aqui na pasmaccira! (*Descendo á scena; a Domingos.*) Logo que sinhosinho apontar no capão do meio, ataquem a foguetaria.

DOMINGOS. — Sim, sinhô. Está tudo na orde.

LIMOEIRO. — Onde collocaste a gyran-dola?

DOMINGOS. — Na encrusilhada, sim sinhô, do lado da tranqueira. Chii!! Vosmecê não imagina como está tudo bonito! Tem arco de bambú; coqueiro da banda d'aqui; coqueiro da banda d'alli. Caminho está todo capinado e folha de canella é mato!

LIMOEIRO.—E's um Thebas.

DOMINGOS.—Um escravo de meu sinhô

LIMOEIRO.—E então, essa gente do Pau-Grande vem ou não vem?

DOMINGOS.—Fallei hontem com o seu tenente-coroné, sim sinhô, dei o recado de meu sinhô, e elle disse-me que havia de vir com sinhá dona Perpetua e com sinhá moça Rosinha.

LIMOEIRO.—Já deviam estar cá. O rapaz não tarda. Retirem-se a seus postos. Hoje e amanha não se péga na enxada. Brinquem, durmam, dancem, façam o que quizerem. Mas fiquem sabendo, desde já, que o que tomar carraspana leva uma tunda mestra.

DOMINGOS.—Viva sinhô moço Henrique!

OS NEGROS.—Viva!

LIMOEIRO.—Dobrem a lingua; digam: Viva sinhô moço doutor!

OS NEGROS.—Viva sinhô moço doutô!
(*Saem com Domingos.*)

SCENA II

LIMOEIRO, só.—Até que enfim! Ahi vem o rapaz formado, com uma brilhante carreira na frente, e prompto para dar sóta e basto (si não for tolo) n'esta freguezia, onde a maior capaci-

dade, depois do tenente-coronel Xico Bento com seus latinorios, é este seu criado, que mal sabe ler e escrever, mas que tem ronha como trinta. O rapaz, si quizer ser alguma coisa, ha de aprender na minha escola.

SCENA III

OS MESMOS, DOMINGOS, O TENENTE-CORONEL XICO BENTO, D. PERPETUA, ROSINHA, UMA CRIADA, *com um crioulinho ao collo, e um PAGEM fardado, com uma caixa de folha debaixo do braço.*

DOMINGOS, *correndo, com um foguete e um tição de fogo na mão.*—Pararam cinco burros na porteira do curral! E' a gente do Pau-Grande!

LIMOEIRO.—Veio a familia toda. Manda que entrem para cá. (*Domingos sae.*)

CHICO BENTO, *entrando com D. Perpetua, Rosinha, a crioula e o pagem.*—Ora viva o nosso major Sebastião! (*Aper-tando-lhe a mão.*) *Salutis pluribus interresse te valerius.*

LIMOEIRO.—Valerio, não senhor, Sebastião Limoeiro, um seu criado. Como vae esta sé velha? (*Comprimenta a Rosinha e a Perpetua.*)

XICO BENTO.—O rapaz já veio?

PERPETUA.—Estou anciosa por vel-o. (*Para Rosinha.*) Endireita este corpo,

sinhá. Nunca vi coisa assim! Não tem geito para nada!

ROSINHA.—Mamãe já principia? Si eu soubesse não tinha vindo. Está sempre em cima da gente, fucte, fucte, só catucando.

PERPETUA.—Vejam só como está este chapeu! (*Admirada*). O que é que tu tens nesta barriga?

ROSINHA, *com arrebatamento*.—Uê! Eu sei lá! Foi aquella coisa, que meu padrinho trouxe da cidade!

PERPETUA, *admirada*.—As anquinhas! Ora vocês estão vendo? Senhor major, dê-me licença que entre, para arranjar esta menina.

LIMOEIRO.—Essa é boa! sem cerimonia, D. Perpetua! Entre por ahí afóra.

(*Perpetua, Rosinha, a criada e o pagem entram para casa*).

SCENA IV

LIMOEIRO E XICO BENTO

XICO BENTO.—Finalmente o pequeno tomou juizo! Agora o que é preciso é muito tino e prudencia nos negocios da freguezia. *Libertis decuplis et anima nostri in duvido essis*. Isto vae mal, meu major.... As eleições estão a bater á porta....

LIMOEIRO.—E não temos ainda um candidato.

XICO BENTO.—Lá quanto a isto, é o que não falta.

LIMOEIRO.—Dizem por ahí que o governo já dezinhou o bicho.

XICO BENTO.—Ha de ser quem quizer este seu criado Mathias.

LIMOEIRO.—Apoiado, meu tenente-coronel.

XICO BENTO.—Pensam, por ventura, que hei de consentir que os liberaes assaltem a urna a bayonetas, como fizeram, ha quatro annos, na freguezia do Rabicho? ! Hão de se aguentar no balanço!

LIMOEIRO.— Perdão, meu tenente-coronel, foram os conservadores que, desrespeitando o voto livre e as garantias constitucionaes.....

XICO BENTO.— Foram os liberaes que, violando o principio das liberdades publicas.....

LIMOEIRO.— Discutamos no terreno dos principios.

XICO BENTO.— E' para ahí que o desafio. Veja o que fez o Barnabé Antunes em sessenta e cinco.

LIMOEIRO.— Sim. O que foi que elle fez?

XICO BENTO.— Nada mais, nada menos

que mandar processar o Antonio Caipora, influencia legitima, só para arredal-o da eleição.

LIMOEIRO.— Ora! Ora!

XICO BENTO.— Toda a freguezia sabe do facto.

LIMOEIRO.— E o que era o Barnabé Antunes? Conservador.

XICO BENTO.— Está enganado. O Barnabé Antunes era liberal.

LIMOEIRO.— Enganado está o tenente-coronel. O Barnabé Antunes era liberal em sessenta e dous, virou casaca em sessenta e tres, e foi juiz de paz com o partido conservador.

XICO BENTO.— Desta maneira não se póde discutir.

LIMOEIRO.— E o que me diz do Ambrosio da Silveira? Era por ventura alguma coisa?

XICO BENTO.— Foi liberal.

LIMOEIRO.— Nunca! (*Ouve-se o ruido de uma girandola.*) Chegou o rapaz!

SCENA V

OS MESMOS, PERPETUA, ROSINHA e depois DOMINGOS, HENRIQUE e OS NEGROS.

PERPETUA, *descendo da varanda com Rosinha.* — Que foquetada é esta, major? Parece que vem a casa abaixo!

LIMOEIRO, *com alegria.*— E' o meu Henrique, é o meu doutor!

NEGROS, *dentro.*— Viva sinhô moço doutô!

LIMOEIRO.— Viva!

PERPETUA, *a Rosinha.*— Endireita este pescoco, menina!

ROSINHA.— Oh! homem! Que massada! O pescoco é meu, posso fazer delle o que quizer.

XICO BENTO, *indo ao fundo.*— Ahi vem elle! (*Diversas pessoas correm á varanda da casa e ahi se postam.*)

côro, dentro.

Dos nossos braços valentes,
Unidos em doce amor,
Façamos forte cadeira
P'ra conduzir o doutor.

(*Entram Domingos e os negros, carregando Henrique.*)

côro.

Os seus escravos, meu branco,
Que vos amam com ardor,
Aqui trazem satisfeitos
Da casa o doce penhor.

HENRIQUE, *saltando ao chão, e abraçando Limoeiro.*— Meu tio!

LIMOEIRO.— Meu filho... Sim, porque tu és meu filho, o filho das minhas entranhas.

XICO BENTO, *levando o lenço aos olhos.*
— Estas scenas de familia chocam-me extraordinariamente. *Beatus ventris qui te portavis!*

LIMOEIRO, *reparando em Henrique.*
— Mas que diabo é isto? Estás magro! Para que estudaste tanto, rapaz?

HENRIQUE.— Não attribua a minha magreza ao estudo; mas sim ás saudades que me devoravam, longe de vosmecê e destes campos, que me são tão charos.

ROSINHA, *vendo o estojo do diploma, que Henrique deve trazer a tiracollo.*
— Uê, mamãe! Que canudo tamanho é aquelle que elle tem?

PERPETUA.— Que te importas tu com o canudo?

LIMOEIRO.— Quero te apresentar aos nossos amigos do Pau-Grande. Aposto que já te não lembras do coronel Xico Bento?

HENRIQUE.— Muito, muito. Passei dias agradabilissimos em sua fazenda. Como vae a sua senhora? A sua menina já deve estar moça!

XICO BENTO.— Olhe, aqui está uma e lá está outra. *Ambos orentis etatis arcados dos ambos.*

HENRIQUE, *a Perpetua.*— Minha senhora... (*Apertando-lhe a mão—a Xico Bento*). Ainda está bem sacudida!

XICO BENTO.— E eu que o diga.

PERPETUA, *a Rosinha*. — Que moço amavel!

ROSINHA, *a Perpetua*. — Pois eu não acho, emquanto não souber o que é que elle tem dentro daquelle canudo.

HENRIQUE, *para Limoeiro*. — E quem é esta interessante mocinha?

LIMOEIRO. — Pois não conheces? Ora não conhecerás tu outra coisa! (*Rosinha esconde-se atraz de Perpetua*).

PERPETUA. — E' minha filha. (*Para Rosinha, baixo*). — Passa para a frente, menina. Que modos são estes?!

HENRIQUE, *procurando vel-a*. — E' um rosto encantador.

XICO BENTO. — Dizem todos que é o retrato do pae.

PERPETUA, *baixo a Rosinha*. — Passa para a frente, menina!

ROSINHA. — Não quero, está.

LIMOEIRO, *a Domingos*. — Logo que escurecer, venham collocar as lanternas na varanda, accendam as fogueiras, e batuquem á grande.

DOMINGOS. — Sim, sinhô.

CÔRO.

Vamos, vamos, sem demora,
As lanternas preparar;
Pois está chegada a hora
Do batuque começar.

Oh que dia de pagode
 Na fazenda de sinhô!
 Sinhosinho já chegou
 Com a carta de doutô!

LIMOEIRO, aos negros, que saem com Domingos. — Vão, rapazes. (*Para Henrique*). O que é que trazes nesta folha?

HENRIQUE. — A minha carta de bacharel (*Tira dos hombros e dá-lh'a*), a qual dedico-lhe, em prova dos muitos sacrificios que tem feito pela minha felicidade.

LIMOEIRO. — Obrigado, meu filho. (*Abre a caixa, tira a carta e examina a.*)

PERPETUA. — Agora já sabe o que é?

ROSINHA. — Nunca vi carta daquelle tamanho! Olhe, mamãe, tem um fita e uma coisa dependurada até em baixo!

LIMOEIRO, esfregando a carta entre os dedos. — Isto não é papel.

XICO BENTO. — E' pergaminho.

PERPETUA, tambem examinando a carta. — O que é pergaminho?

XICO BENTO. — E' um papel feito de couro.

ROSINHA, para Perpetua. — Mas não é couro de burro, mamãe?

LIMOEIRO. — Quem ha de dizer que é com este couro, que se tem formado os honores mais importantes deste paiz! (*Entrega a carta a Henrique.*) Minhas

senhoras, tomem conta da casa ; vão lá para dentro e dirijam aquillo como se estivessem em sua fazenda. (*Para Henrique.*) Quanto a ti, deves estar estafado da viagem, apesar de que vieste montado no Diamante, que é o primeiro burro destas dez leguas em redor. Vae mudar de roupa.

HENRIQUE, *a Xico Bento.*— Si me dá licença.....

XICO BENTO. — Essa é boa! (*Saem Henrique, Perpetua e Rosinha.*)

SCENA VI

LIMOEIRO E XICO BENTO

LIMOEIRO.— Então o que diz do nosso doutor?

XICO BENTO.— Não é de todo desageitado.

LIMOEIRO.— Desageitado ! E' um rapaz de muito talento !

XICO BENTO.— E diga-me cá uma coisa: a respeito de politica, quaes são as idéas delle?

LIMOEIRO. — Tocou o tenente-coronel justamente no ponto que eu queria ferir.

XICO BENTO.— *Omnibus tulit puntos, quis miscuit util et dolcet.*

LIMOEIRO, *gritando.*— Olá de dentro?

Tragam duas cadeiras. O negocio é importante, devemos discutir com toda a calma.

XICO BENTO.— Estou ás suas ordens. (*Entra um negro e põe as duas cadeiras em scena.*) Tem a palavra o supplicante. (*Sentam-se.*)

LIMOEIRO.— Tenente-coronel, cartas na mesa e jogo franco. E' preciso arrumar o rapaz; e não ha negocio, neste paiz, como a politica. Pela politica cheguei a major e commendador, e o meu amigo a tenente-coronel e a inspector da instrucção pública cá da freguezia.

XICO BENTO.— Pela politica, não, porque estava o partido contrário no poder; foi pelos mens merecimentos.

LIMOEIRO.— Seja como for, o facto é que, apezar de estar o meu partido de cima, o tenente-coronel é e será sempre a primeiro influencia do logar. Mas vamos ao caso. Como sabe, tenho algumas patacas, não tanto quanto se diz.....

XICO BENTO.— Oxalá que eu tivesse só a metade do que possui o major.

LIMOEIRO.— Ouro é o que ouro vale. Si a sorte não presenteou-o com uma grande fortuna, tem-lhe dado, todavia, honras, considerações e amigos. Eu represento o dinheiro; o tenente-coronel a influencia. O meu partido está escangalhado, e é preciso olhar seriamente

para o futuro de Henrique, antes que a reforma eleitoral nos venha por ahí.

XICO BENTO.— Quer então que.....

LIMOEIRO.— Que o tome sob a sua protecção quanto antes, apresentando-o seu candidato do peito nas proximas eleições.

XICO BENTO.— *Essis modus in rebus.*

LIMOEIRO.— Deixemo-nos de latinorios. O rapaz é meu herdeiro universal, casa com a sua menina, e assim conciliam-se as coisas da melhor maneira possível.

XICO BENTO, *com alegria concentrada.*— Confesso ao major que nunca pensei em tal; uma vez, porém, que este negocio lhe apraz.....

LIMOEIRO.— E' um negocio, diz muito bem; porque, no fim de contas, estes casamentos por amor dão sempre em agua de barrella. O tenente-coronel comprehende..... Eu sou liberal..... o meu amigo conservador.....

XICO BENTO.— Já atinei! Já atinei! Quando o partido conservador estiver no poder.....

LIMOEIRO.— Temos o governo em casa. E quando o partido liberal subir.....

XICO BENTO.— Não nos sahe o governo de casa.

LIMOEIRO, *batendo na coxa de Xico Bento.*— Maganão.

XICO BENTO, *batendo-lhe no hombro.*

—Vivorio! E si se formar um terceiro partido?.., Sim, porque devemos prevenir todas as hypotheses...

LIMOEIRO.—Ora, ora... Então o rapaz é algum bobo?! Encaixa-se no terceiro partido, e ainda continuaremos com o governo em casa. O tenente-coronel já não foi progressista, no tempo da Liga?

XICO BENTO.—Nunca. Sempre protestei contra aquelle estado de coisas; ajudei o governo, é verdade, mas no mesmo caso está também o major, que foi feito commendador naquella occasião.

LIMOEIRO.—E' verdade, não o nego; mudei de idéas por altas conveniencias sociaes. Olhe, meu amigo, si o virar casaca fosse crime, as cadeias do Brasil seriam pequenas para conter os innumerados criminosos, que por ahi andam.

XICO BENTO.—Vejo que o major é homem de vistas largas.

LIMOEIRO.—E eu vejo que o tenente-coronel não me fica atraz.

XICO BENTO.—Então casamos os pequenos....

LIMOEIRO.—Casam-se os nossos interesses....

XICO BENTO.—Et coetera e tal....

LIMOEIRO.—Pontinhos... (*Vendo Henrique*). Ahi vem o rapaz, deixe-me só com elle.

XICO BENTO.—*Fiam voluntatis tue.*
Vou mudar estas botas. (*Sae*).

SCENA VII

LIMOEIRO E HENRIQUE

HENRIQUE.—Como se está bem aqui!
Disse um escriptor que a vida da roça
arredonda a barriga e estreita o cerebro.
Que amargo epigramma contra esta
natureza grandiosa! Eu sinto-me aqui
poeta.

LIMOEIRO.—Toma tenencia, rapaz. Isto
de poesia não dá para o prato, e é
preciso que te occupes com alguma
coisa séria.

HENRIQUE.—Vcja, meu tio, como está
aquelle horisonte; o sol deita-se em
brilhantes coxins de ouro e purpura, e
a viração, embalsamada pelo perfume
das flores, convida a alma aos mais
poeticos sonhos de amor.

LIMOEIRO.—Está bom, está bom. Es-
quece estes sonhos d'amor, que, no fim
de contas, são sempre sonhos, e vamos
tratar da realidade. Vira-te para cá.
Deixa o sol, que tens muito tempo para
ver, e responde-me ao que te vou per-
guntar.

HENRIQUE.—Estou ás suas ordens.

LIMOEIRO. — Que carreira pretendes seguir ?

HENRIQUE. — Tenho muitas diante de mim.... A magistratura.....

LIMOEIRO. — Pódes limpar as mãos á parede.

HENRIQUE. — A advocacia, a diplomacia, a carreira administrativa....

LIMOEIRO. — E esqueceste a principal, aquella que póde elevar-te ás mais altas posições em um abrir e fechar de olhos.

HENRIQUE. — O jornalismo ?

LIMOEIRO. — A politica, rapaz, a politica! Olha, para ser juiz municipal, é preciso um anno de prática; para seres juiz de direito, tens de fazer um quatriennio; andarás a correr montes e valles por todo este Brasil, sujeito aos caprichos de quanto potentado e mandão ha por ahi, e sempre com a sella na barriga! Quando chegares a dezembargador, estarás velho, pobre, cheio de achaques, e sem esperança de subir ao Supremo Tribunal de Justiça. Considera agora a politica. Para deputado não é preciso ter prática de coisa alguma. Começas logo legislando para o juiz municipal, para o juiz de direito, para o dezembargador, para o ministro do Supremo Tribunal de Justiça, para mim, que sou quasi teu pae, para o Brasil inteiro, em summa.

HENRIQUE.—Mas para isso é preciso...

LIMOEIRO.—Não é preciso coisa alguma. Desejo somente que me digas quaes são as tuas opiniões politicas.

HENRIQUE.—Foi coisa em que nunca pensei.

LIMOEIRO.—Pois olha, és mais politico do que eu pensava. E' preciso, porém, que adoptes um partido, seja elle qual for. Escolhe.

HENRIQUE.—Neste caso serei do partido de meu tio.

LIMOEIRO.—E porque não serás conservador?

HENRIQUE.—Não se me dá de set-o, si for de seu agrado.

LIMOEIRO.—Bravo! Pois fica sabendo que serás ambas as coisas.

HENRIQUE.—Mas isto é uma indignidade!

LIMOEIRO.—Indignidade é ser uma coisa só!

SCENA VIII

OS MESMOS E XICO BENTO

XICO BENTO, *entrando alegre*.— Já dei parte á menina, e á senhora; está tudo arranjado! E o que diz o nosso doutor?

LIMOEIRO.— Ah! Elle está por tudo quanto eu quizer.

XICO BENTO.— Então, deixe-me abraçar-o já como meu filho.

HENRIQUE.— Como seu filho?! Que diabo de trapalhada é esta?

XICO BENTO, *a Limoeiro*.— Pois ainda não lhe disseste?

LIMOEIRO.— Ainda não; mas é o mesmo. (*Para Henrique.*) Meu Henrique, prepara-te para tomar estado.

HENRIQUE.— Mas isto assim, á queima roupa?

LIMOEIRO.— E' desta maneira que eu gósto de arranjar as coisas, zás, traz, nó cego.

SCENA IX

XICO BENTO, LIMOEIRO, HENRIQUE, ROSINHA,
E PERPETUA

LIMOEIRO, *trazendo Rosinha pela mão*.
— Aqui está a tua noiva.

ROSINHA, *puxando a mão com força*.
— Eu não gósto destas brincadeiras comigo.

PERPETUA.— Menina, tenha modos.

ROSINHA, *a Perpetua*.— Eu já disse que não quero; e quando eu digo que não quero, é porque não quero mesmo. E' a tôa, escusa de estar *nhen nhen* em cima da gente.

HENRIQUE, *aparte*.— Mas que papel represento eu?

LIMOEIRO, *baixo a Perpetua*.— O verdadeiro é deixal-os sós. Tenente-coronel, em quanto não chegam os convidados para a festa, vamos dar um passeio pelo laranjal. Ande, venha, D. Perpetua.

ROSINHA, *baixo a Perpetua*.— Eu não fico aqui sosinha com este homem.

PERPETUA.— Espera, menina, eu já venho.

ROSINHA, *baixo*.— Não quero.

PERPETUA, *baixo*.— Vejam só que tola! Conversa com o moço, que tu has de gostar delle...

ROSINHA.— Que me importa lá com o moço! Eu não como em casa delle.

PERPETUA, *baixo*.— Pois bem; fique ahí, e não me conte mais historias.

ROSINHA.— Eu fico; mas não fallo com elle. Elle póde dizer o que quizer, que entra por aqui e sae por alli.

LIMOEIRO.— Vamos, D. Perpetua, antes que chegue a hora de jantar.

SCENA X

HENRIQUE E ROSINHA

HENRIQUE, *aparte*.— Que diabo hei de eu dizer á esta pamonha?

ROSINHA, *aparte*.— Si tu esperas que te puxe pela lingua, estás mal enganado.

HENRIQUE, *aparte*.— Vou perguntar-lhe que horas são.

ROSINHA, *aparte*.— Estou quasi perguntando-lhe que coisa é aquella que elle tem dependurada na carta.

HENRIQUE, *aparte*.— Mas agora reparo que ella é bem interessante. Lindos olhos, cilios brandamente arqueados...

ROSINHA, *aparte*.— Uê! Como elle olha para a gente!

HENRIQUE, *aparte*.— Cintura fina e delgada, cabellos castanhos... Decididamente não é nenhuma asneira.

ROSINHA, *aparte*.— Agora lá para que digamos, elle não é muito feio. Moreninho, cabellos encaracolados...

HENRIQUE, *aparte*.— Eu vou dirigir-lhe a palavra.

ROSINHA, *aparte*.— Si elle fallar, eu respondo.

HENRIQUE, *á Rosinha*.— O' sinhá? (*Rosinha finge que não ouve*). Sciú! O' sinhá? (*Henrique segura-lhe na cintura*).

ROSINHA, *esquivando-se*.— Não me cature, que eu vou contar a mamãe.

HENRIQUE. — Não fuja, não quero fazer-lhe mal. Olhe, sinhá, olhe para mim.

ROSINHA, *com mau modo*.— Eu não me chamo sinhá.

HENRIQUE.—Não se zangue.

ROSINHA.—O senhor sabe muito bem meu nome.

HENRIQUE.—D. Rosinha?

ROSINHA.—O que quer?

HENRIQUE, *approximando-se*.—Quero dizer-lhe que...

ROSINHA *affastando-se*.—Chegue-se para lá; falle de longe que eu não sou surda.

HENRIQUE, *aparte*.—E não é que o diabinho da menina é bem interessante. (*Alto*).—Quero dizer-lhe que a senhora é a rosa mais encantadora destes prados, e que faz morrer de inveja e de ciúmes todas as flores, que a cercam.

ROSINHA.—O senhor está caçoando com a gente.

HENRIQUE.—Estou-lhe abrindo o meu coração. Ha algumas horas, apenas, que a conheço, e confesso que sinto-me captivo de tanta singeleza.

ROSINHA.—O' gente! Então hoje é a primeira vez que o senhor me vê?

HENRIQUE.—Creio que sim.

ROSINHA.—Então o senhor come muito queijo! Pois não se lembra que já estive no Pau-Grande caçando pombas? Eu até tenho ainda uma boneca que o senhor me deu.

HENRIQUE.—E, desde essa época, tem

me conservado sempre em sua lembrança?

ROSINHA, *vexada*.—Não sei...

HENRIQUE.—Então porque censura me por não havel-a reconhecido? E' porque seus labios não ousam dizer o que o coração sente.

ROSINHA.—Nem tudo o que se sente, a gente diz.

HENRIQUE.—D. Rosinha, parece-me que meu tio não é tão tyranno, como eu pensava, por haver ajustado este casamento, sem consultar a nossa vontade. A sua candura inspira-me, e creio que serei muito feliz, alliando o meu futuro ao seu. Quer casar comigo?

ROSINHA.—Não sei...

HENRIQUE, *segurando-lhe na mão*.—Responda.

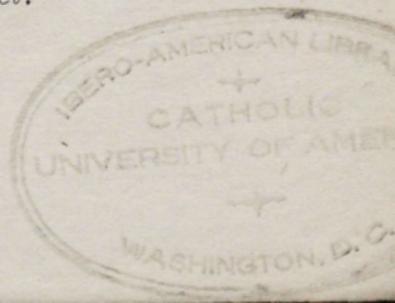
ROSINHA.—Ahi vem papae. (*Sem poder tirar a mão da de Henrique*).

SCENA XI

OS MESMOS, XICO BENTO, PERPETUA E

LIMOEIRO

XICO BENTO, *vendo Henrique segurando na mão de Rosinha*.—Venham, venham depressa, que o negocio está concluido! *Jam proximius ardet*.



ROSINHA, *assustada*. — Eu não lhe disse?!

LIMOEIRO — Não vac mal, senhor doutor!

HENRIQUE. — Sou da escola de meu tio: zás, trás, nó cego.

PERPETUA, *baixo a Rosinha*. — Eu não te disse que o moço era bom?

XICO BENTO. — Agora só falta o—*finis coronnat opus*—ou o—*Ite consummatum est*. (*Ouve-se musica dentro*)

SCENA XII

ROSINHA, HENRIQUE, PERPETUA, LIMOEIRO,
XICO BENTO, GREGORIO, CUSTODIO
E FLAVIO MARINHO

Gregorio, Custodio e Flavio Marinho entram seguidos de uma banda de musica precedida de um estandarte em que se lê: Philarmonica Recreio do Pau-Grande.

ROSINHA. Chii! — Mamãe, temos musica!

GREGORIO. — Viva o doutor, que acaba de chegar.

CUSTODIO E FLAVIO MARINHO. — Viva!

GREGORIO. — Saude, paz e tranquillidade, eis o que desejo ao transpor os umbraes da residencia do muito alto e nobre Sr major Limoeiro.

LIMOEIRO.—Ora viva o Sr Gregorio. (*Para Henrique*). Aqui te apresento o Sr Gregorio Simplicio Anachoreta dos Goytacases, distincto professor público da freguezia de Santo Antonio do Barro-Vermelho.

HENRIQUE.—Tenho muita honra em conhecer o digno preceptor da nossa mocidade.

LIMOEIRO, *baixo a Henrique*.— Olha que é afilhado do vigario, e o primeiro eleitor cá da freguezia.

HENRIQUE.—A fama de sua intelligencia e de sua illustração é apregoadá por todos.

LIMOEIRO, *aparte*.— Bravo! O rapaz tem dedo para o negocio (*alto*). Este é o Sr. Custodio Rodrigo Neptuno, do Mar de Hespanha, primeiro juiz de paz mais votado e digno membro do nosso eleitorado.

HENRIQUE.—Já o conhecia de tradição pelos serviços prestados a causa publica....

LIMOEIRO, *baixo a Henrique*.— A' guerra do Paraguay.....

HENRIQUE.—A' guerra do Paraguay...

LIMOEIRO, *baixo a Henrique*.— E á epidemia das bexigas.

HENRIQUE.—E á epidemia das bexigas.

CUSTODIO.—Favores dos meus concidadãos.

LIMOEIRO.—Aquelle é o senhor Flavio Marinho do Rio das Mortes, inspector de quarteirão, boticario, procurador da capella das Mercês e arrematante das rendas municipaes.

HENRIQUE.—Saúdo o distincto financeiroiro.

LIMOEIRO, *baixo a Henrique*.—E muito digno representante do partido da ordem.

HENRIQUE.—E muito digno representante do partido da ordem.

FLAVIO.—V. Ex. confunde-me.

GREGORIO, *concertando a garganta*.—Sr. major Limoeiro. Os nossos amigos que se acham presentes, querendo tributar elevada homenagem ao soberano amphytrião, que acaba de chegar das montanhas da Paulicéa, coroado com os louros virentes da sabedoria, incumbirão-me, á mim, humilde professor publico desta freguezia, de saudar tão grande dia, saudando ao mesmo tempo o ditoso tio, que vê tão ditoso sobrinho em tão ditosa carreira. Ditosa condição, ditosa gente, como diz o poeta! Viva o senhor doutor Henrique. (*Toca a musica*). Agora hão de permittir que recite uma colchêa de minha lavra. (*Tira um papel do bolso e lê*:

MOTTE

Alegrou-se a mocidade
Com a chegada do doutor

GLOSA

Ser escravo jamais hade
O Imperio brasileiro!
Com o filho do Limoeiro
Alegrou-se a mocidade;
Seu nome á posteridade
Hade chegar sem temor!
Cheio de gloria e louvor,
Pois nada o Riacho Fundo
Cheio de goso profundo
Com a chegada do Doutor.

TODOS, *menos Henrique.*—Viva!

GREGORIO.—Viva o muito honesto e
popular major Limoeiro.

TODOS, *menos Limoeiro e Henrique.*
—Viva!

GREGORIO.—Viva o senhor tenente-co-
ronel, Xico Bento do Pau-Grande.

TODOS. *menos Xico Bento.*—Viva.

LIMOEIRO.—Meus senhores, o jantar
nos espera. A' mesa.

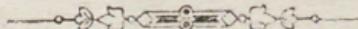
Vamos, vamos, meus senhores
Para a sala de jantar,
Entre flores e iguarias
Este dia festejar.

CORO

Entre flores e iguarias
Beberemos com ardor
A' ventura do major
E á saude do doutor.

*(Entram todos para casa ao som da
musica).*

CAHE O PANNO



ACTO SEGUNDO

O theatro representa a praça da freguezia de Santo Antonio do Barro Vermelho ; ao fundo, a matriz ; á direita e á esquerda, casas com portas para a scena. Ao subir o panno, acham-se diversas pessoas na praça ; grupos á porta da egreja e ao lado das casas.

SCENA PRIMEIRA

CÔRO DE CAPANGAS

Que o voto é livre
Ninguem duvida !
Por nossos amos
Demos a vida .

P'ra todo aquelle
Que for canalha,
Cacete em punho,
Boa navalha.

Sejamos fortes
Em cabalar,
Que bom dinheiro
Vamos ganhar.

P'ra todo aquelle
Que for canalha,
Cacete em punho,
Boa navalha.

(*Dispersam-se, entrando uns nas casas, outros na egreja.*)

SCENA II

HENRIQUE, LIMOEIRO, e depois DOMINGOS

LIMOEIRO.— Parece-me que o negocio vae correndo ás mil maravilhas.

HENRIQUE.— Fie-se nessa. Não vio o sarilho, que andou lá por dentro ainda ha pouco?

LIMOEIRO.— E o sujeito votou ou não votou?

HENRIQUE.— Votou; mas eu não queria estar-lhe na pelle.

LIMOEIRO.— Onde está o Domingos?

HENRIQUE.— Na egreja.

LIMOEIRO.— Vae tambem para lá, chama-me o Domingos, e dá estas listas (*Dando-lh'as*) ao Flavio Marinho, para entregar ao João Corrêa. Não abandones a urna. Olha, colloca-te ao lado do Rasteira-Certa e do Arranca-Queixo, logo que houver rôlo. (*Henrique sae.*) E' preciso muito tino e sangue frio.

DOMINGOS, *sahindo da egreja.* — Prompto, meu senhô.

LIMOEIRO, *tirando a lista dos votantes e lendo.* — Antonio José da Purificação, Anastacio Antonio da Silva, Felippe dos Reis, José..... José An-

tonio.....» Cá está. Manoel Maneco Manduba de Mandiroba. (*Para Domingos.*) Tome sentido neste nome. Quando gritarem por elle, Vm. apresente-se, e entregue esta lista. (*Dá-lhe a lista.*) Entendeu?

DOMINGOS.— Sim, senhô.

LIMOEIRO.— Repita. Como é seu nome, agora?

DOMINGOS.— E' Domingos, sim, senhô.

LIMOEIRO.— O' cabeça de burro, pois eu não acabo de dizer que você é Manoel Maneco Manduba de Mandiroba?

DOMINGOS.— Ah! agora já sei, sim senhô. Eu me chamo seu Mané Maneco.

LIMOEIRO.— Muito bem. Veja lá, quando entregar a lista, si vae dizer, como o negro do Ribeiro: Aqui está biete que siô moço seu Zé Ribeiro mandou p'ra sinhô.

DOMINGOS.— Eh! Eh! Domingos não é negro novo. Eu já não tem votado tantas vezes?

SCENA III

OS MESMOS, XICO BENTO, HENRIQUE, GREGORIO, CUSTODIO, FLAVIO MARINHO, 1º VOTANTE, *acompanhados de povo, sahindo da egreja aos empurrões.*

Povo.—E'phosphoro! E' phosphoro!

XICO BENTO.—E' o proprio e identico!
 HENRIQUE.—E' muito conhecido na
 freguesia!
 POVO.—E' phosphoro! E' phosphoro!
 GREGORIO.—A' ordem, senhores!

SCENA IV

OS MESMOS, PE'-DE-FERRO, RASTEIRA-
 CERTA E ARRANCA-QUEIXO

PE'-DE-FERRO, *à Henrique.* — Póde fallar grosso, senhor doutor, que o Pé-de-Ferro cá está com o Arranca-Queixo.

ARRANCA-QUEIXO.—O cidadão prestan-te ha de votar.

POVO.—E' phosphoro! E' phosphoro!
 Não vota!

RASTEIRA-CERTA.—Não é phosphoro!
 E' o proprio e identico; véve e reséde neste municipio.

LIMOEIRO, *baixo a Domingos.* — Toma estas listas. (*Dá-lh'as*). Aproveita o barulho, e ataca tudo na urna.

HENRIQUE.—Respeitem as garantias constitucionaes!

LIMOEIRO.—Ordem, senhores! Eu conheço o homem, deixem-o votar. Perca-se tudo, mas salve-se a moralidade pública!

PE'-DE-FERRO.—Apoiado!

1º VOTANTE. — Vamos para dentro.
(*Retiram-se todos, menos Limoeiro e Xico Bento*).

SCENA V

LIMOEIRO e XICO BENTO

XICO BENTO. — Major, o negocio está muito feio !

LIMOEIRO. — Deixe correr o marfim. Trabalhe cada um para seu lado, que afinal dá tudo certo.

XICO BENTO. — E' verdade. Uma vez que o rapaz saia...

LIMOEIRO. — Estamos nós dentro.

SCENA VI

OS MESMOS, FLAVIO, 2º VOTANTE

FLAVIO, *gritando da egreja*. — Jeronymo Tabú da Silva.

2º VOTANTE, *sahindo da esquerda*. — Prompto!

XICO BENTO. — Tome lá. (*Entrega-lhe uma lista*).

2º VOTANTE. — Olhe, compadre, só para lhe servir. E' triste ser pobre. Muito custa a ganhar a vida com honra! Com esta fazem quatro vezes que voto hoje. (*Entra para a egreja*).

XICO BENTO, *vendo a lista*.—Este já se póde riscar.

LIMOEIRO.—E póde riscar tambem o tenente Felicio.

XICO BENTO.—Um dos esteios do partido da ordem!

LIMOEIRO.—E' verdade; não vota hoje, não, mas é o mesmo; mandei processal-o, como vagabundo, por andar parado na rua de noite fóra de horas.

XICO BENTO.—Pois fel-a bonita! Perdemos com elle toda a votação da gente da Samambaya e da Grota Funda.

LIMOEIRO.—Grande prejuiso! Perdemos esses votos, mas ganhamos todos do partido liberal, sem contar com o recheio, que mandei o Domingos metter na urna.

XICO BENTO.—Major, você é de todos os diabos

SCENA VII

XICO BENTO, LIMOEIRO E DOMINGOS

DOMINGOS, *sahindo da egreja*.—Está tudo dentro, sim senhô.

LIMOEIRO.—Fica ahi, que não tarda a chegar a tua vez de votar.

XICO BENTO.—Pois o major manda o escravo votar?

LIMOEIRO.—Essa é boa! E porque não?

E si o rapaz for eleito, elle já sabe, dou-lhe a carta de liberdade.

XICO BENTO. — Deus queira! Deus queira!

SCENA VIII

LIMOEIRO, XICO BENTO, DOMINGOS E FLAVIO

FLAVIO, *á porta da egreja.*—Manoel Maneco Manduba de Mandiroba?

DOMINGOS.—Prompto!

LIMOEIRO, *baixo a Domingos.*— Anda, não te esqueças do nome. (*Domingos entra na egreja.*)

XICO BENTO.—Vejamos a trovoadá!

SCENA IX

OS MESMOS, HENRIQUE, GREGORIO, CUSTODIO, FLAVIO, 1º VOTANTE, PÉ-DE-FERRO, RASTEIRA-CERTA, ARRANCA-QUEIXO, *acompanhados pelo povo, no meio de grande desordem.*

Povo.—Fóra o negro! E' phosphoro! (*Assobiam.*)

1º VOTANTE.—Eu bem o conheço. E' o escravo do major.

Povo.—Salta, tição!

LIMOEIRO.—Pereca-se tudo, senhores;

mas salve-se a moralidade pública!
Deixem o cidadão livre e independente votar!

1º VOTANTE. — E' um desaforo!
Hom'essa!!

POVO. — E' phosphoro! E' phosphoro!

CUSTODIO. — Attenção, senhores!

1º VOTANTE. — Não queremos palanfrórios!

HENRIQUE. — Deixem fallar o orador.

CUSTODIO. — Em nome da paz da freguezia, em nome de meus concidadãos, em nome da nossa honra, em nome da tranquillidade pública, devemos respeitar o direito do cidadão.

HENRIQUE. — Apoiado.

1º VOTANTE. — Não apoiado.

ARRANCA-QUEIXO. — O homem ha de vo'ar; não turrem. E quem decéde aqui está! (*Mostra o cacete.*)

CUSTODIO. — Eu asseguro-lhes que o supplicante é o mesmo Manoel Maneco Manduba de Mandiroba.

POVO. — Não é! Não é!

ARRANCA QUEIXO. — Haja rôlo!

PÉ-DE-FERRO. — Haja!

(Trava-se um conficto de pedradas e cacetadas; intervem a guarda e retiram-se todos em debandada, entrando alguns na egreja e outros nas casas lateraes. Xico Bento entra em uma das

casas. Henrique, Domingos e Limociro entram na igreja).

SCENA X

PERPETUA e ROSINHA, *que entram em scena, na occasião em que se dispersa o povo.*

PERPETUA. — Onde estará o meu homem, meu senhor bom Jesus?

ROSINHA. — Eu não disse a mamãe que não viesse se metter neste angú?

PERPETUA. — Deram-me um murro na cacunda, que quasi deitei a alma pela bocca fóra!

ROSINHA. — E eu, por um triz que não levei uma pedrada na barriga. Passou ventando — viim! que nem uma bala.

PERPETUA. — Onde está aquelle homem, meu Deus? Fico com o coração do tamanho de uma pulga, todas as vezes que elle se mette em eleições!

ROSINHA. — Estou aqui que nem posso.

PERPETUA. — Parece-me que o vejo a cada momento entrar pela casa a dentro com as ventas esmurradas, ou com alguma faca nas tripas.

ROSINHA. — E eu que sonhei, esta noite, que tinham descadeirado seu Henrique, na igreja, com uma carga de chumbo grosso que lhe arrumaram?

SCENA XI

AS MESMAS, HENRIQUE e depois LIMOEIRO
e XICO BENTO

HENRIQUE, *sahindo da egreja*.— Oh !
minhas senhoras, o que vieram cá fazer?

XICO BENTO, *espiando da porta*.— Está
tudo acabado ?

PERPETUA.— Xico, não estás ferido ?

XICO BENTO.— Retire-se, senhora, que
isto d'aqui a pouco está um diluvio de
sangue.

LIMOEIRO, *sahindo da egreja*.— Eu não
disse que o Domingos havia de votar?
Lá está a cedula na urna, batidinha da
Silva ! (*Para Rosinha e Perpetua*).
Tambem vieram cabalar ? ! Bravo !
Gósto disto !

XICO BENTO.— Major, eu juro-lhe pelas
cinzas de minha mulher... não, quero
dizer...

PERPETUA.— O que é isso lá ?

XICO BENTO.— *Erraris humanus és*.
Quero dizer, Perpetua, que juro, por tudo
quanto ha de mais caro neste mundo,
que não me apanham n'outra.

PERPETUA.— Oxalá que fiques curado.

LIMOEIRO.— Si lhe parece, abandone-
me e deixe-me aqui ás moscas. Como

já lhe dei a minha palavra e já está servido.....

XICO BENTO.— Abandonal-o.....? Lá isso não, porém.....

LIMOEIRO.— Porém o que? Tenente-coronel, o lugar do soldado é no fogo!

PERPETUA.— No fogo?! Temos conversado. Xico, lembra-te que tens mulher e filha!

LIMOEIRO.— D. Perpetua, não me esfrie o homem! Tenente-coronel, estamos perdidos e precisamos fabricar votantes, seja como for. (*Pensando.*) Espere, o Domingos votou uma vez só...

XICO BENTO.— Major, você ainda perde aquelle negro, e olhe que elle é peçassinha, que vale bem seus dous contos de réis.

LIMOEIRO, *que continia a pensar.* — Ah! Achei! (*Para Henrique.*) O' rapaz, pois tu por aqui ainda, quando devias estar lá dentro a tomar conta da urna?!

HENRIQUE.— Estou ao lado da urna dos meus affectos.

LIMOEIRO.— Deixa esta, que está segura, e vae tomar conta da outra, que está em perigo. Anda, vae! (*Para Rosinha e Perpetua.*) Minhas senhoras, entrem para esta casa e não tenham receio.

PERPETUA, *entrando com Rosinha.*—Xico, toma cuidado, não facilites.

LIMOEIRO, *a Henrique, que se dirige para a egreja.*—Manda-me cá o Domingos. (*Henrique entra na egreja.*)

SCENA XII

XICO BENTO, LIMOEIRO e DOMINGOS

XICO BENTO.—Major, quer accetar um conselho? *Res tua agitur.*

LIMOEIRO.—O que é, tenente-coronel?

XICO BENTO.—A capangada está bravia; mande o Domingos para a fazenda e vamos nos arranjar com os votantes que temos. Olhe que naquella refrega o João Corrêa ficou sem uma orelha, o Flavio perdeu dous dentes da frente, eu levei um cascudo e o major viu-se em papos de aranha.

LIMOEIRO.—Mas ainda não desanimei.

DOMINGOS, *sahindo da egreja.*—Estou aqui, sim sinhô.

LIMOEIRO.—Estás mac iucado?

DOMINGOS.—Não, sinhô. Levou só porretada na cabeça; pau quebrou mas cabeça não.

XICO BENTO.—Irribus!

LIMOEIRO.—Prepare-se, que tem de votar mais uma vez.

DOMINGOS. — Domingos está prompto para votar quantas vezes sinhô quizer.

XICO BENTO. — Isto não é negro; é um precipicio!

LIMOEIRO. — Entre alli naquella casa, (*indica a casa da esquerda*), peça uma casaca a seu Zé Franco, calee nmas botas, diga a seu Telles que lhe corte esta carapinha, e que lhe empreste umas barbas.

DOMINGOS. — Sim, sinhô.

LIMOEIRO. — Amarre um lenço ao pescoço e depois venha fallar commigo. (*Domingos sahe*).

SCENA XIII

XICO BENTO, LIMOEIRO e depois PASCHOAL
BASILICATA

XICO BENTO. — Major..., major!

LIMOEIRO. — O seu compadre não póde votar ainda uma vez?

XICO BENTO. — Olhe que elle já votou quatro vezes!

LIMOEIRO. — E o que tem isto? Quando a lei decretou que houvesse tres chamadas, foi para que o cidadão votasse pelo menos tres vezes. Vejamos a lista dos votantes. (*Limoeiro e Xico Bento consultão, lendo a lista*).

PASCHOAL, *entrando com uma taboa*

ao hombro, na qual se vêem bonecos, cachorros, vasos; paqagaios e santos de gesso.

Io sono mascati,
Comprate senhori
Uceli, macachi
E miei vasi de fiori.

Con quello que ganho
Non ganho niente,
Perche non guadagno,
Ne cento per cento.

Io sono mascati, etc., etc.

Non volete comprare qualche cosa? Abbiamo cavalli, cani, gati, ogni santi del Paradizo, vasi di fiori. Vel-o dono per pouco danaro.

LIMOEIRO, *para Xico*.— Oh! que idéa luminosa! Que famoso achado! Tenente-coronel, este italiano é um diamante, que nos cahio do ceu.

XICO BEETO.— Major, eu tremo de advinhar o lhe que passa pela cabeça.

LIMOEIRO, *a Paschoal*.— O' Monsiú?

PASCHOAL.— Cosa vuole?

LIMOEIRO.— Como se chama você?

PASCHOAL.— Pascoale Bazilicata, humilissimo servitore di lei.

LIMOEIRO.— Pois, senhor monsiú Bazilicata, você está disposto a mudar de nome por uns cinco minutos?

PASCHOAL.— Cambiare il mio nome?

LIMOEIRO, a Xico Bento.— Cambiare, não sei o que é. (*A Paschoal.*) Não se trata de cambio, de trocar dinheiro....

XICO BENTO.— Trata-se de trocar de nome, monsiú.

PASCHOAL.— Ma, perchê trocare il mio nome?

LIMOEIRO.— Usted não quer guadanhar la plata?

PASCHOAL.— Si, si, já. Ma chi me dona danaro?

XICO BENTO.— Aqui este monsiú.

PASCHOAL.— Está bene; cosa devo fare?

LIMOEIRO.— Usted larga el taboleiro aqui com tutas las bugigangas, está entendendo? Toma isto (*Mostra a lista*) e, quando o chamarem alli, da porta da egreja, entra e mette este papel nel buraco del caixone, que está em cima della mesa. Ponha sentido no seu nome.

PASCHOAL.— Si sinhore.

LIMOEIRO.— O seu nome é Albino Catalão Carapuça dos Engeitados. Repita.

PASCHOAL.— Alano, Catabine, Caranjolle do Singipuça.

LIMOEIRO.— Não, não é isto. Albino Catalão Carapuça dos Engeitados.

PASCHOAL.— Babibo.....

XICO BENTO.— Não é Babibo; é Albino.

PASCHOAL.—Albino.

LIMOEIRO.—Catalão.

PASCHOAL.—Tacalão.

LIMOEIRO, *a Xico Bento*.—O diabo do carcamano tem cabeça de barro, como a dos cachorros que vende.

XICO BENTO.—O essencial é que elle acuda á chamada.

PASCHOAL.—Sicuro, sinhore; ma quanto guadanho?

LIMOEIRO.—Guadanha vinte mil réis.

PASCHOAL.—O sinhore poteva dare um pouco piu.

LIMOEIRO.—Não tem que piar; com vinte mil réis está muito bem pago.

PASCHOAL.—Vá bene, sinhore.

SCENA XIV

OS MESMOS E DOMINGOS

DOMINGOS, *de casaca, completamente transformado*.—Domingos está prompto, sim sinhô.

LIMOEIRO.—E então, tenente-coronel, veja só como está o negrinho!

XICO BENTO, *vendo Domingos com os braços semi-abertos*.—Parece que elle quer voar.

DOMINGOS.—E' casaca, que está muito pretada debaixo do braço, sim sinhô.

LIMOEIRO, *a Domingos*.—Você ha de votar mais tarde; por ora o que tem que fazer é acompanhar este monsiú até á egreja. Não me saia de lá, emquanto elle não tiver votado.

DOMINGOS.—Sim sinhô. (*Para Paschoal*). Vamos, monsiú. (*Entram os dous na egreja*).

SCENA XV

LIMOEIRO E XICO BENTO

XICO BENTO.—Está me parecendo que o tal carcamano não dá conta da empreitada.

LIMOEIRO.—Olé si dá! Aquillo é passaro bisnau!

XICO BENTO.—Será bom mandar dizer á capangada que esteja alerta.

LIMOEIRO.—Não se incommode; ella está bem industriada. Mas tem-se trabalhado bonito, heim, tenente-coronel?!

XICO BENTO.—Nem por isso. Nas eleições passadas fizemos mais e não houve tanto barulho. Só o defunto Mathias sacristão votou seis vezes.

LIMOEIRO.— Isto lá pelo seu lado; porque pelo de cá foram cinco, batinhas, dadas por mim. Si elle ainda fosse vivo.... Coitado, Deus ponha a sua alma em bom logar!

XICO BENTO.—Pobre Mathias! *Palidus mortis equis expulsat pedibus tabernas...*

LIMOEIRO.—Foi mesino a taverna, que o levou. Mas deixemos coisas tristes e pensemos nos que estão vivos.

SCENA XVI

OS MESMOS E HENRIQUE

HENRIQUE, *sahindo apressado da egreja.*
—Meu tio? meu tio?

XICO BENTO.—O que é? Alguma novidade?!

HENRIQUE.—Estamos perdidos!

LIMOEIRO.—Perdidos?!

HENRIQUE.—Irremediavelmente perdidos!

LIMOEIRO.—Mas o que ha? Explica-te, rapaz!

HENRIQUE.—Nada mais, nada menos, que uma conspiração dos descontentes, para roubar a urna e levar tudo a ferro e fogo.

LIMOEIRO.—Quem te disse isto?

HENRIQUE.—O João Corrêa.

LIMOEIRO.—E como foi que elle soube?

HENRIQUE.—Apanhando na sacristia este bilhete, que cahio do bolso de um votante.

XICO BENTO. — Deixe-me ver. (*Lendo*).
 Estamos trahidos! O chefe do nosso partido está ligado com um membro do partido contrario. A's duas horas em ponto estejam todos no côro, promptos para o que der e vier. E' preciso a todo o custo quebrar a urna e mandar ao diabo esta eleição. Os escravos da fazenda de D. Miquelina estão a postos.

LIMOEIRO. — Mas a quem foi dirigido este bilhete?

HENRIQUE. — Não se sabe.

XICO BENTO. — Que horas são, major?

HENRIQUE. — Uma hora e tres quartos.

XICO BENTO. — E' tempo de salvar a mulher e a menina que alli estão. (*Vae a sahir.*)

LIMOEIRO. — Não senhor, espere. Agora é que mais precisamos da sua presença.

SCENA XVII

LIMOEIRO, XICO BENTO, HENRIQUE, POVO,
 1º VOTANTE, ARRANCA-QUEIXO, 3º VOTANTE,
 GREGORIO, CUSTODIO, PÉ-DE-FERRO,
 RASTEIRA-CERTA, PASCHOAL, ROSINHA E
 PERPETUA.

Povo, *sahindo da egreja*. — E' um desaforo! E' um desaforo!

CUSTODIO. — Deixem o cidadão votar!

XICO BENTO. — Estamos perdidos!

POVO.— Fóra! Fóra! Fóra!

1º VOTANTE.— E' estrangeiro!

ARRANCA-QUEIXO.— E' cidadão brasileiro, tão bão como tão bão!

PASCHOAL.— Si sinhori, sono brasilêro.

POVO.— Morra o engraxate! Morra!

LIMOEIRO, *gritando*. — Ordem, senhores! Perca-se tudo, mas salve-se a moralidade pública! Deixem o cidadão votar!

1º VOTANTE.— Não póde votar! E' estrangeiro!

LIMOEIRO.— E' nosso compatriota. Foi um dos bravos da campanha do Rosas, e lá perdeu a lingua.

POVO.— Haja! Haja! (*Trava-se uma luta de cacetadas; alguns seguram nos bonecos e cachorros de gesso e atiram ás caras uns dos outros.*)

XICO BENTO, *batendo com força na casa, onde estão Rosinha e Perpetua*.

— Abra esta porta, senhora!

PERPETUA e ROSINHA, *de dentro*.— Misericordia!

XICO BENTO.— Abram, pelo amor de Deus!

PERPETUA e ROSINHA, *de dentro*.— Aqui d'el-rei!

LIMOEIRO.— Ordem! Ordem! Paz! (*O barulho serena.*)

PASCHOAL, *com a cara ensanguentada*.— Vado a queixar-me a il mio consule.

1º VOTANTE.— Vamos para dentro, que este já não vota. (*Entram todos na egreja, menos Paschoal.*)

SCENA XVIII

XICO BENTO, HENRIQUE, LIMOEIRO, DOMINGOS
E PASCHOAL

PASCHOAL.— E miei figurini sono tutti quebrati. Bisonha pagare tutto.

LIMOEIRO.— Sim, monsiú, deixa estar; tudo se arranja em paz.

DOMINGOS, *sahindo da egreja apresado*.— Meu sinhô? meu sinhô? O negocio não está bom, não. Povo no côro da egreja está assim. (*Batendo na mão, fechada em forma de oculo*).... tudo com pedras e porrete.

LIMOEIRO, *para Henrique*.— Vae para a egreja. (*Henrique entra na egreja*).

XICO BENTO.— Não se affoite, doutor.

LIMOEIRO, *a Domingos*.— Leva este homem para a botica, e manda-o depois para a fazenda.

DOMINGOS.— Ande, monsiú, venha lavar o nariz. (*Domingos sae com Paschoal*).

XICO BENTO, *batendo na porta da casa*.— Saia, senhora, aproveite a estiada.

SCENA XIX

XICO BENTO, LIMOEIRO, ROSINHA e PERPETUA, *sahindo de casa.*

PERPETUA.—Já não sinto as pernas.

ROSINHA, *sahindo.*—Tenho ferretoadas por todo o corpo. Parece que me sentaram em cima de um formigueiro.

LIMOEIRO.—Formigas temos que ver agora.

SCENA XX

OS MESMOS, POVO, HENRIQUE, GREGORIO, CUSTODIO, FLAVIO MARINHO, 1º, 2º e 3º VOTANTES, PÉ-DE-FERRO, RASTEIRACERTA, ARRANCA-QUEIXO, SEIS SOLDADOS.

Povo, *dentro.* — Quebra! Quebra!
(*Ouvem-se tiros dentro da egreja.*)

PERPETUA.—Misericordia!

ROSINHA.—Me segurem, que sinão eu caio com um ataque! (*Sae a urna, carregada pelo povo. Entram todos em grande desordem.*)

1º VOTANTE.—Vamos fazer a eleição em casa do 2º juiz de paz.

3º VOTANTE.—Apoiado !

Povo.—Vamos! Vamos !

HENRIQUE.—Protesto, meus senhores. Deixem-me fallar, em nome da lei e das garantias do cidadão, contra este acto iniquo, praticado contra a liberdade do voto.

1º VOTANTE.—Fóra o doutorsinho !

LIMOEIRO.—Perca-se tudo, senhores, mas salve-se a moralidade pública!

3º VOTANTE.—A eleição está viciada !

1º VOTANTE.—Levemos a urna para a casa do 2º juiz de paz.

ARRANCA-QUEIXO, PÉ-DE-FERRO E RASTEIRA-CERTA.—Não vae ! Não vae !

PERPETUA.—Ai ! Ai ! Ai ! (*Cae nos braços de Xico Bento.*)

XICO BENTO.—Ainda mais esta.

ROSINHA.—Ui ! Ui ! Ui ! (*Cae nos braços de Henrique.*)

LIMOEIRO.—Não derramemos o sangue de irmãos. Faremos outra eleição aqui, e o governo decidirá quem tem razão.

1º VOTANTE.—Havemos de ver.

CÔRO

Conduzamos esta urna
 Bem longe da confusão,
 Vamos ver outro juiz,
 Que presida esta eleição.

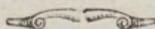
LIMOEIRO

Ameaças não me assustam,
Que eu não conto com bravatas;
Façam lá o que quiserem,
Que eu sou forte em duplicatas.

CÔRO

Conduzamos esta urna
Bem longe da confusão,
Vamos ver outro juiz
Que presida esta eleição.

CAHE O PANNO



ACTO TERCEIRO

A mesma scena do primeiro acto; á esquerda uma mesinha com duas cadeiras, e duas chicaras de café.

SCENA PRIMEIRA

ROSINHA E PERPETUA

ROSINHA, *zangada*.— Eu já não posso aturar este inferno !

PERPETUA.— Estás doida, menina ?

ROSINHA.— Ora mamãe falla porque não ando com o pescoço direito; ora porque estou com a cabeça torta. No outro dia implicou com o meu vestido porque estava muito escorrido; agora porque está muito estufado... Hoje diz que fallo assim... amanha diz que fallo assado... Eu não entendo.

PERPETUA.— Mas não vês, teleirona, que tudo o que te digo é para teu bem; que o senhor Henrique....

ROSINHA.— Ahi vem a massada do senhor Henrique. Já tardava ! Desde que amanhece até que anoitece não se falla em outra coisa. E' só seu Henrique ! Almoça-se com seu Henrique, janta-se com seu Henrique, ceia-se com seu Henrique... Não sei o que se ha de fazer mais com seu Henrique !

PERPETUA. — Uma menina, que está para tomar estado, minha filha, deve agradar seu noivo.

ROSINHA. — Não temos agrados, nem meios agrados. Elle gostou de mim, eu gostei d'elle, está acabado. Nós vamos casar mesmo.

PERPETUA. — Não duvido ; mas, mesmo depois de casada, terás ainda a obrigação de não aborrecer teu marido.

ROSINHA. — Si era preciso tanta historia, porque é que não me avisaram logo? Eu dizia que — não —, e estava tudo acabado.

PERPETUA. — Mas tu não gostas tanto d'elle?

ROSINHA. — Gosto ; porém não é para estarem a todo o momento em cima da gente... endireita esta fita... levanta a cabeça... abaixa o vestido, não pizes como periquito, não rias tão alto... Que inferno!

PERPETUA. — Tolinha ! Não sabes que a mulher de um doutor, que acaba de ser eleito deputado provincial, e que muito breve será ministro, deve ser uma moça bem educada, bem arranjadinha...

ROSINHA. — Ahi temos outra ! Pois a mulher de um deputa'õ ou ministro não é o mesmo que as outras?

PERPETUA. — E' verdade; porém é uma senhora, que tem o dever de ser amavel,

de dar reuniões em sua casa, de lisongear uns e outros, e de se apresentar sempre bem.

ROSINHA.—Não se incommode; eu hei de saber apresentar-me.

PERPETUA.—Está bem.

SCENA II

AS MESMAS C LIMOEIRO

LIMOEIRO.—Ora vivam. O doutor ainda não chegou?

ROSINHA, *contrariada*. — Ainda não.

LIMOEIRO.—Olhem só como ella disse aquelle—ainda não.

ROSINHA.—Uê! Chentes!

LIMOEIRO.—Está se lendo mesmo n'aquella carinha rubicunda: —Tomára á que chegue o dia! Tomára já que chegue o dia!

PERPETUA.—E' natural. Quando se ama...

LIMOEIRO.—E creia, D. Perpetua, não é por ser o rapaz meu sobrinho, sua filha fica muito bem servida.

PERPETUA.—E si assim não pensasse, não consentiria em tal união.

LIMOEIRO.—Moço, rico, talentoso, deputado provincial aos vinte e quatro annos, futuro representante da nação

aos vinte e cinco, futuro ministro aos vinte e seis, futuro chefe de partido aos trinta e futuro senador do império aos quarenta! Quando penso no futuro mais que perfeito, que lhe está reservado, quasi que enlouqueço de prazer! Olhe, si eu fosse pai, e tivesse seis filhas, dava-l'h'as todas.

ROSINHA. — Credo!

LIMOEIRO, *tirando um jornal do bolso.*

— Vejam o que diz este jornal. (*Lendo*)
« Parabens aos nossos comprovincianos. Acaba de ser eleito deputado provincial pelo 3º districto o senhor doutor Henrique da Costa Limoeiro, uma das mais esplendidas esperanças da sua terra natal. A attitude nobre, sustentada por sua excellencia, nas ultimas eleições, defendendo o voto livre e as garantias constitucionaes contra os botes da anarchia, foi felizmente recompensada pelos dignos eleitores, que souberam collocar-se na altura de tão nobre missão. »
Heim? O que dizem a isto?

ROSINHA. — E' por isso que elle está tão cheio de vento.

LIMOEIRO. — Como cheio de vento?

ROSINHA. — Porque ha dous dias que não nos apparece lá em casa.

LIMOEIRO. — Pois si o rapaz nem tempo tem para se coçar! Estes dias têm sido poucos para escrever cartas de agrade-

cimento aos eleitores e aos amigos. O tenente-coronel ainda não veio?

PERPETUA. — Está lá dentro. Menina, vae chamal-o. (*Rosinha sae*).

SCENA III

XICO BENTO, D. PERPETUA E LIMOEIRO

LIMOEIRO. — D. Perpetua.)foi um verdadeiro triumpho!

PERPETUA. — Mas um triumpho, que nos ia custando bem caro.

LIMOEIRO. — Não se apanham trutas a bragas enxutas.

XICO BENTO. — *Se valis bene, ego quid valis.* Como vae esta bizzaria?

LIMOEIRO. — Como vê: alegre e satisfeito. Temos que tratar de negocios de alta monta.

XICO BENTO. — Senhora D. Perpetua, *oculos ruorum*.

PERPETUA. — Tu nunca tiveste segredos para comigo.

LIMOEIRO. — A seu tempo sabel-o-ha, minha senhora. (*Perpetua sae*.)

SCENA IV

LIMOEIRO E XICO BENTO

LIMOEIRO. — Tenente-coronel, as coisas têm marchado de modo tal que, quando

penso nas difficuldades com que luctámos e nos resultados que obtivemos, digo a mim mesmo : « Seu major, você é um homem da pelle dos diabos. »

XICO BENTO.— Pois olhe, eu vi o negocio quasi perdido.

LIMOEIRO.— Fez-se a duplicata, foi approvada pelo poder competente, votou o Domingos, o seu compadre votou cinco vezes.....

XICO BENTO.— Pena foi que não votasse o carcamano.

LIMOEIRO.— Mas ha de votar na proxima eleição. Installei-o aqui e já está principiando a tomar lingua. O nosso doutor obteve carga cerrada, foi o primeiro deputado da combinação, e talvez seja o presidente da salinha. Que carreira de rapaz, meu Deus !

XICO BENTO.— E quanto á deputação geral?

LIMOEIRO.— Foi justamente para tratar deste negocio, que vim procurar o meu amigo.

XICO BENTO.— O major manda e não pede.

LIMOEIRO.— E' preciso que combinemos a maneira de arredar qualquer difficuldade. Além do interesse que temos, lá diz o ditado que duas cabeças valem mais do que uma.

XICO BENTO. — *Todis capitis, todis sentencie.*

LIMOEIRO. — Portanto, é preciso que o tenente-coronel por sua parte escreva aos seus amigos, que eu cá pela minha tratarei de fazer o mesmo. E creia que não tenho coxilado. Veja isto. (*Mostra o Jornal.*)

XICO BENTO, *lendo.* — Bravo.

LIMOEIRO. — Pois olhe, foi feito cá pelo degas e corrigido pelo Custodio, o nosso professor publico. Si aquelle diabo comprehendesse tudo o que lê, ninguem podia com elle.

XICO BENTO. — *Legeris et non intelligeris est negligeris.* Pois, meu major, fique sabendo, que não me leva as lampas, porque tambem mandei escrever o meu artiguito, que a esta hora já deve estar publicado na *Voz da Verdade*, de que sou humilde assignante. Eis o rascunho.

LIMOEIRO. — Leia lá isso, tenente-coronel.

XICO BENTO. — *Tu Marcellus eris!*

LIMOEIRO. — Marcello, não. E' Henrique.

XICO BENTO. — Não, isto é cá o latinorio (*Lendo*). «Já não pertence á classe dos homens vulgares o Dr Henrique da Costa Limoeiro! sua familia...

LIMOEIRO.—Homem, isto está com ares de discurso de defunto.

XICO BENTO.—Pois olhe, foi escripto por um homem bem vivo e esperto; pelo nosso vigario ! Ouça o resto. (*Lendo.*) « Sua familia, transbordando de alegria, por vel-o no numero dos eleitos da provincia, agradece a todos aquelles que o acompanharam em tão justa quão nobre pretensão. Fazemos votos, para que tão pezado encargo lhe seja leve». Hein ? Que tal ?

LIMOEIRO.—O meu está muito melhor. Mas, deixemos o que está feito, e tratemos do que ha a fazer. O rapaz é candidato á representação nacional. Segundo o trato que fizemos, elle tem de ser recommendado por ambos os partidos. O tenente-coronel apresenta-o pelo lado conservador...

XICO BENTO.—E o major recommenda-o pelo lado liberal.

LIMOEIRO.—Justamente.

XICO BENTO.—Mas, pensando bem, o meu amigo não julga que isto poderá comprometter o nosso candidato ? Eu achava melhor que elle aceitasse, por ora, um partido—o que está no poder, por exemplo, e que mais tarde, conforme o geito que as coisas tomassem, ou ficasse n'aquelle, ou fosse para o outro, que tivesse probabilidade de subir.

LIMOEIRO.—Tá, tá, tá.

XICO BENTO.—Na sua circular elle tem que apresentar um programma. N'este programma ha de definir as suas idéas...

LIMOEIRO.—E o que têm as idéas com o programma, e o programma com as idéas? Não misture alhos com bogalhos, tenente-coronel, e parta d'este principio: —o programma é um amontoado de palavras mais ou menos bem combinadas, que têm sempre por fim occultar aquillo que se pretende fazer.

XICO BENTO.—Porém cada partido tem a sua bandeira.....

LIMOEIRO.—Aqui para nós, que ninguem nos ouve, tenente-coronel, qual é a bandeira do seu?

XICO BENTO.—A bandeira do meu é... Sim... Quero dizer...

LIMOEIRO.—Ora eis ahi! Está o tenente-coronel com um nó na garganta. Meu amigo, eu não conheço dous entes que mais se assimelhem que um liberal e um conservador. São ambos filhos da mesma mãe, a Sra D. Conveniencia, que tudo governa neste mundo. O que não pensar assim deixe a politica, vá ser sapateiro.

XICO BENTO.—O major falla como um pregador *ex-cathedra*!

LIMOEIRO.—O rapaz, portanto, não se apresentando nem por ur lado, nem por

outro, fica no meio. Do meio olha para a direita e para a esquerda, sonda as conveniências, e no primeiro partido que subir encaixa-se muito sorateiramente, até que, cahindo este, elle possa escorregar para o outro, que for ao poder.

XICO BENTO.—Sim, senhor.

LIMOEIRO.—Vae ver como as coisas se arranjam. (*Assobiando*). Domingos? (*Entra Domingos*). Depressa papel, penna e tinta. (*Domingos sae*). Sente-se o tenente-coronel alli naquella mesa, e vá escrevendo o que eu for lhe ditando.

XICO BENTO, *sentando-se á mesa*.— Prompto. (*Domingos entra e põe o papel, o tinteiro e a penna em cima da mesa e tira as chicaras.*)

LIMOEIRO.— Illmo Sr.— Esta tem por fim recommendar-lhe muito especialmente o Dr Henrique da Costa Limoeiro. Virgula..... Que pretende uma cadeira no seio da representação nacional. Ponto.

XICO BENTO.— Agora é preciso enumerar as virtudes do doutor, suas aptidões, seu talento brilhante.....

LIMOEIRO.— Deixe o negocio por minha conta. (*Continuando com emphase.*) Sim..... ! Não..... quero dizer.....

XICO BENTO.— Em que ficamos? Sim ou não?

LIMOEIRO.— Risque este sim.

XICO BENTO.— E deixo o não?

LIMOEIRO.— Não; risque ambos.

XICO BENTO.— Mas eu ainda não escrevi ambos !

LIMOEIRO.— Ora.... Risque tudo.

XICO BENTO.— Desde o principio?

LIMOEIRO.— Não; o sim — e o — não.

XICO BENTO.— A ! já sei.

LIMOEIRO, *continuando com emphase.*
— O Dr Henrique da Costa Limoeiro é uma destas estrellas luminosas que raiaram... que raiaram..... (*Mudando de tom.*) Espere lá, deixe-me ver uma phrase, dessas de estrondo. Ah! (*Com emphase.*) Que raiaram no horisonte do Brasil para mudar a face dos nossos acontecimentos politicos. (*Mudando de tom.*) Bravo, seu Limoeiro. Já escreveu?

XICO BENTO.— Ticos.

LIMOEIRO.— Ticos?!

XICO BENTO.— Sim, politicos.

LIMOEIRO, *com emphase.* — Destinado a representar um papel brilhante entre os seus concidadãos, o Dr Henrique Limoeiro promette..... (*Mudando de tom.*) Vejamos agora o que elle ha de prometter.

XICO BENTO.— *O' cópos hic labor esdis.*

LIMOEIRO.— E' preciso que elle prometta o que se póde prometter, sem com-

prometter-se. Vamos lá (*Com emphase.*)
O Dr Limoeiro promete...

XICO BENTO.—Já stá escripto.

LIMOEIRO, *com emphase.* — Retalhar a provincia...

XICO BENTO.— Menos essa!

LIMOEIRO, *com emphase.*—Com uma grande rede de estradas de ferro, Virgula. Bonds..., bibliothecas...

XICO BENTO.— Retalhar a provincia com bibliothecas?

LIMOEIRO.—Não; não é isso. (*Com emphase.*) Bonds e estradas vicinaes.... (*Mudando de tom.*) Ahi póde pôr um ponto de admiração. (*Com emphase.*) Proteger a lavoura.....

XICO BENTO.—E o elemento servil? Ahi é que eu quero ver-lhe a habilidade.

LIMOEIRO.—Não, não se falla n'isto. Deus nos livre. (*Continuando.*) Proteger a lavoura.....

XICO BENTO.—Já está escripto.

LIMOEIRO.—Animar as industrias, o commercio.....

XICO BENTO.—Commercio tem virgula ou dous pontos?

LIMOEIRO.—Arrume-lhe ponto e virgula.

LIMOEIRO, *continuando.* — Acorçoar as artes e as lettras....

XICO BENTO.—A e o có, r o ró ri....
Bonito, escrevi caroço.

LIMOEIRO.—E a instrucção pública, creando escolas nocturnas de duas em duas leguas. (*Mudando de tom*). Isto deve ser gryphado.

XICO BENTO.—Isto deve ser gryphado.

LIMOEIRO.—Não, não é isto; não escreva, gryphe.

XICO BENTO.—Gryphe.

LIMOEIRO.—Grypho é isto. (*Péga da penna e risca o papel*).

XICO BENTO.—Então, porque não disse logo—risque por baixo?

LIMOEIRO.—Onde é que tinhamos ficado?

XICO BENTO.—Creando escolas nocturnas de duas em duas leguas. (*Em outro tom*). Mas para que tanta escola, si não temos gente?

LIMOEIRO.—E' para acompanhar a moda. (*Com emphase*). As suas idéas politicas visam tão somente o progresso do Brasil, escudado na ordem e liberdade bem entendida. (*Mudando de tom*). Vê isto? Progresso, ordem, liberdade....., liberdade, ordem, progresso. Ahi está o programma perfeitamente definido. Agora termine dizendo;—o Dr Limoeiro é deputado provincial pelo 3º districto; espero que o amigo recommende-o a todos os seus amigos e mande-me as suas ordens. Sou etc. etc. E passe-me para cá, para mandar tirar umas cópias.

XICO BENTO.—Que effeito isto não
vae produzir entre os conservadores !

LIMOEIRO.—Muito maior effeito ainla
produzirá no animo dos liberaes !

XICO BENTO.—Aqui tem. (*Dá a Li-
moeiro*).

LIMOEIRO.—Agora é não perder tempo.

SCENA V

OS MESMOS E HENRIQUE

HENRIQUE, *zangado, com um jornal
na mão*.—Bom dia, meu tio. Como tã
passado, Sr tenente-coronel ?

LIMOEIRO.—O que tens ? Estás com
a cara tão enfarruscada

HENRIQUE.—Veja isto. (*Mostra o jor-
nal a Xico Bento*).

XICO BENTO, *aparte*.—O meu artigo.

HENRIQUE.—Eu só desejava saber qual
foi o burro, que escreveu esta serie de
sandices.

LIMOEIRO, *vendo o jornal*. — Foi o
tenente-coronel.

XICO BENTO. — Está enganado; não
fui eu, foi o vigario.

HENRIQUE.— Pois hei de dar-lhe os
meus sinceros agradecimentos.

LIMOEIRO.—Asneira no caso; vaes aq
dar o homem contra ti, e perderás toda a
votação do collegio

HENRIQUE.—E que me importa a mim a votação do collegio ?

LIMOEIRO.—Verdade é que serás bem recommendado pelos outros.....

HENRIQUE.—Maldita seja a hora em que se lembraram de metter-me em semelhante comedia.

LIMOEIRO.—O' rapaz, tu perdeste o juizo ?

HENRIQUE.—Acabo de sahir dos bancos da academia, do meio de uma mocidade leal e generosa, cheio de crenças, sonhando a felicidade de minha patria, e eis que de chofre matam-me as illusões, atirando-me no meio da mais horrivel das realidades d'este paiz—uma eleição, com todo o seu cortejo de infamias e miserias.

LIMOEIRO.—E ainda em cima te revoltas, tu, que começaste por onde os outros acabam!

HENRIQUE.—Não comecei, meu tio; acabei: porque o quadro que se desenrolou ante os meus olhos foi de tal natureza, que suffocou-me no peito as aspirações de moço e patriota.

LIMOEIRO.—E então, tenente-coronel, o que diz a isto ?

XICO BENTO.—Estou abysmado.

HENRIQUE.—Si quieriam fazer de mim um politico, porque desilludiram-me tão

cedo? Porque não deram-me gota a gota o veneno?

LIMOEIRO.—Então, não pretendes ir a assembléa?

HENRIQUE.—Não, senhor.

LIMOEIRO.—Mas, rapaz, como combinar esta serie de disparates, que estás dizendo agora, com o que fizeste nas eleições?!

HENRIQUE.—Não me recorde esta pagina negra; foi uma loucura; passou.

LIMOEIRO.—Então?

XICO BENTO.—Pois o senhor não tem a ambição de representar o seu paiz?

HENRIQUE.—E o senhor chama isto representar o paiz? O que é que eu represento? Quaes são as minhas idéas? A que partido estou filiado? Que solução posso dar a todos os grandes problemas sociaes que se agitam presentemente?

LIMOEIRO.—Porém.....

HENRIQUE.—Formado apenas ha dous mezes, sem experiencia da vida, sem a mais pequena noção dos negocios públicos, o que vou fazer na Camara? O papel triste e ridiculo de um filhote, apresentado por um tio liberal e um futuro sogro conservador. Que manancial fecundo para os folhetins dos jornaes de opposição!

LIMOEIRO.—E os outros não começam por filhotes ?

SCENA VI

LIMOEIRO, XICO BENTO, HENRIQUE E ROSINHA

ROSINHA.—Bom dia, senhor Henrique. Por onde tem andado ? Ha dous dias que não o vejo.

HENRIQUE.—Não me crimine.

LIMOEIRO, *a Henrique*.— Ainda não foste fallar com D. Perpetua. Vae com-primental-a, anda.

ROSINHA.—Eu vou chamal-a.

HENRIQUE.—Com licença (*Sae*).

LIMOEIRO, *baixo a Xico Bento*.—Vá tambem, tenente-coronel ; deixe-me só com sua filha. (*Xico Bento sahe*).

SCENA VII

LIMOEIRO E ROSINHA

LIMOEIRO.—Fique, minha menina, preciso falar-lhe em particular.

ROSINHA.—O que quer ?

LIMOEIRO.—Promette-me que é capaz de fazer uma cousa, que lhe vou pedir ?

ROSINHA.—Uê chentes ! Se eu não sei o que é, como posso prometter ?

LIMOEIRO.—Trata-se da felicidade da menina, de Henrique, de sua mãe, de seu pae, de mim, de todos nós, enfim.

ROSINHA.—Sendo assim, prometto.

LIMOEIRO.—Henrique está com os miolos virados e quer, a todo o transe, abandonar a carreira, que tão brilhantemente começa agora.

ROSINHA.—Porque ?

LIMOEIRO.—Eu lá sei ! Porque está com a cabeça cheia de poesia, e entende que este mundo deve ser governado a seu geito. Compete agora á menina, que soube prendel-o pelos dotes do coração, dissuadil-o destas tolices e mostrar-lhe o bom caminho.

ROSINHA. — Si estiver nas minhas mãos....

LIMOEIRO.— Está, está. E a menina tem tambem o maior interesse nisto. Irá para a Côrte, terá ricos vestidos, bonitas joias, apparecerá nos grandes bailes, frequentará todos os theatros, divertir-se-á, emfim, como uma verdadeira príncieza.

ROSINHA.—Ora ! eu ouço dizer que lá na Côrte ha tanta imposturia.....

LIMOEIRO.—Isto dizem, da bocca para fóra, aquelles que lá vão sem dinheiro, e que não podem gozar de todos os encantos de uma grande capital.

ROSINHA.—Mas lá ha mesmo muitos bailes ?

LIMOEIRO.—A menina faz lá idéa ! São cinco e seis por dia !

ROSINHA.—Muitos theatros ?

LIMOEIRO.—Não têm conta.

ROSINHA.—Ha cavallinhos tambem ?

LIMOEIRO.—Ha tudo, tudo ; não falta nada. Além disso, andar^á de carruagem, puxada por lindos cavallo.....

ROSINHA.— Chii !! Deve ser muito bom ! Si a gente no carro de boi vai tão a seu gosto, quanto mais n'uma carruagem !

LIMOEIRO.—E que carruagem ! Toda envernizada, com quatro rodas, estofada de seda....

ROSINHA.—Que bello !

LIMOEIRO.—E a rua do Ouvidor ?

ROSINHA.—A prima Maricota disse-me que era uma coisa de pôr a gente de queixo cahido.

LIMOEIRO.—E' um ceu aberto ! De noite, então, nem fallemos. E' clara como o dia, e tem mais gente que o arraial no dia da festa de Santo Antonio. A menina só de braço com seu marido, para baixo e para cima, a comprar uma joia aqui, alli um vestido, acolá um chapéu, e todos a perguntarem : Quem é aquella moça ? Que peixão ! Pois não conheces ? E' a mulher do deputado Limoeiro. Ha nada que pague isto ?

ROSINHA.—Eu quero ir para a Côrte, eu quero ir para a Côrte ! Nunca ninguém fallou-me deste modo.

LIMOEIRO.—E' porque nunca disseram-lhe a verdade.

ROSINHA.—Vou já fallar com Henrique, e não socego, emquanto elle não prometter-me que ha de ir para o Rio de Janeiro.

LIMOEIRO. — Como deputado, está visto.

ROSINHA.—Ahi vem elle.

LIMOEIRO.—Aperte-o. (*Sae.*)

SCENA VIII

ROSINHA C HENRIQUE

HENRIQUE. — Esperava-a lá dentro ; não sei porque não veio ver-me.

ROSINHA.— Conversava com seu tio.

HENRIQUE.—E o que lhe disse elle ?

ROSINHA.—Fallava do senhor, como sempre.

HENRIQUE.—Porque trata-me por senhor, quando nossas almas terão de unir-se dentro em pouco, na mais completa intimidade?

ROSINHA. — E' porque a gente tem vergonha.

HENRIQUE.—Si tu soubesses como me cativas de dia em dia com esta singeleza!

ROSINHA.—E' que eu sou uma pobre moça da roça, não tenho educação.....

HENRIQUE.—E que importa a educação, quando Deus mimoseou-te com todos os predicados de um anjo!

ROSINHA.—Ora está; eu sinto o mesmo

que o senhor sente; mas infelizmente não posso dizer tanta coisa bonita.

HENRIQUE.—Mas tu fallas com o coração, e eu sinto-lhe o perfume na candura de tuas expressões.

ROSINHA.—O senhor ama-me muito?

HENRIQUE.—Ainda o duvidas?

ROSINHA.—E' capaz de fazer uma coisa que lhe vou pedir?

HENRIQUE.—O que pedirás tu, que eu não deva fazer?

ROSINHA.—Veja bem; promette?

HENRIQUE.—Prometto e até juro.

ROSINHA.—Eu queria ir para a Côrte.

HENRIQUE.—E que dúvida ha n'isto? Pensas por ventura que desejo enterrar a tua e a minha mocidade n'estas bre-nhas? Passaremos aqui a nossa lua de mel; partiremos depois para o Rio de Janeiro, e mais tarde iremos ver o velho mundo, que é o objecto constante dos meus sonhos.

ROSINHA.—Ha, porém, uma condição em tudo isso.

HENRIQUE.—Qual é?

ROSINHA.—E' que desejo ir como a mulher do senhor deputado Limoeiro.

HENRIQUE.—Porque me fallas de politica, quando fallo-te de amor?

ROSINHA.—Porque a politica dar-te-á a posição, e eu quero ver-te um grande homem.

HENRIQUE. — Comprehendo. Meu tio, depois de haver tentado plantar em meu peito a ambição, procura agora arraigar no teu a vaidade! Si o não estimasse como um verdadeiro pae, e se não visse que tudo quanto elle tem feito é com as melhores intenções, diria que a serpente procura Eva para tentar Adão.

SCENA IX

OS MESMOS e LIMOEIRO, *que deve estar ouvindo ao fundo.*)

ROSINHA. — Lembre-se, porém, que prometteu.....

HENRIQUE. — E a minha palavra não volta atraz. Partirei como deputado, e envidarei todos os esforços para bem cumprir os meus deveres.

LIMOEIRO, *ao fundo.* — Bravo!

HENRIQUE. — Levo, porém, d'esde já a convicção de que a descrença, mais tarde ou mais cedo, far-me-á tragar a taça dos dissabores. E então para onde appellar?

ROSINHA. — Para este coração, que te adora.

HENRIQUE *abraçando-a.* — Rosinha, és um anjo!

LIMOEIRO. — Victoria! Victoria!

SCENA X

CHICO BENTO, PERPETUA, LIMOEIRO, HENRIQUE e R SINHA.

XICO BENTO, — Que alegria é esta, Major?!

LIMOEIRO. — Veja aquelle quadro; o rapaz está alli, está deputado.

XICO BENTO. — Peço a palavra, pela ordem.

HENRIQUE, *rindo*. — Tem a palavra o tenente-coronel Chico Bento.

XICO BENTO. — Senhor Presidente, pedi a palavra para dizer...

LIMOEIRO. — Apoiado! (*Ouve-se dentro o som de uma banda de musica.*)

PERPETUA. — Que musica é esta?

LIMOEIRO. — Uma manifestação ao nosso deputado.

SCENA XI

OS MESMOS, CUSTODIO, FLAVIO MARINHO, ARRANCA-QUEIXO, RASTEIRA-CERTA, PASCHOAL BASILICATA, 1º VOTANTE, 2º VOTANTE, e mais pessoas do povo, precedidas de uma banda de musica e foguetes.

CUSTODIO. — Viva o Dr Limoeiro!

TODOS. — Viva!

FLAVIO. — Viva o legitimo deputado!

TODOS. — Viva!

CUSTODIO. — Meus senhores. Este dia

assignala uma epoca gloriosa nos fastos.....

FLAVIO, *baixo, lendo um papel, por detraz de Custodio.* — Nos fastos da nossa historia.

CUSTODIO. — Nos fastos da nossa historia. Sois vós o nosso legitimo representante, a nossa gloria, o nosso porvir. Avante, cidadão prestimoso....

FLAVIO, *baixo.* — Não ; não é isto. Ah! é, é.

CUSTODIO. — E que as bençams da patria caiam sobre vós. Viva o Dr Limoeiro!

TODOS. — Viva!

SCENA XII

OS MESMOS E DOMINGOS

DOMINGOS. — Meu sinhô ; si vosmecê nos dá licença, nós vem saudar tambem sinhosinho com a nossa festa.

LIMOEIRO. — Chegaste a proposito. (*Com ar solemne.*) Domingos, de hoje em diante serás um cidadão livre. Aqui tens a tua carta, e na minha fazenda encontrarás o pão e o trabalho que nobilita.

DOMINGOS, *ajoelhando-se e abraçando as pernas de Limoeiro.* — Meu senhor!

LIMOEIRO. — Levanta-te. (*Levanta-o e dá-lhe um abraço.*) Venha agora a festa. (*Entram os negros e negras e dançam o batuque.*)

FIM



нарц

31